

“(...) Estava preocupado por haver o livro do Irmão X seguido via postal, mas a tua nota telegráfica me tranquilizou. Pedi ao Quintão fizesse a entrega de outra via logo termine a leitura.

O trabalho Figner prossegue. (...) O que ele me vem relatando sobre a luz espiritual de cada discípulo do Evangelho me impressiona bastante. (...)

O Sondermann, mesmo licenciado, tem procurado a FEB?

Do que houver com a “mesa-redonda”, espero-te os informes. (...)

Vou sonhando (...) com a possibilidade de recebermos um novo trabalho para as crianças, de molde a ser publicado sem os desenhos e sem grande serviço a cores, que possa ser vendido sem as reclamações que te feriram o nobre esforço. Poder satisfazer, de algum modo, aos instrumentos dos nossos inimigos gratuitos da esfera invisível, é uma felicidade. (...)

Agradeço ao I. Pequeno a opinião que formou a meu respeito. Não a mereço, podes crer. E antes que o amigo

28 — 1 — 1948

querido modifique o parecer, eu mesmo vou procurando reajustar-lhe as impressões. (...) Como vai o Ismael? (...) Grato pelas notícias do Zéus. (...)"

O novo livro, mencionado inicialmente, do Irmão X, é o “Luz Acima”.

Referindo-se ao trabalho de Fred Figner, que vinha psicografando havia algum tempo, Chico ressalta que está impressionado com o relato que ali se faz sobre a iluminação interior de cada discípulo do Evangelho.

Conforme já foi dito, o livro recebeu o título “Voltei”, e é interessante e instrutivo depoimento de um espírita acerca da morte e as surpresas de uma nova vida no plano espiritual. O trecho referido pelo Chico é aquele em que Figner narra a sua decepção por se notar sem qualquer recurso de claridade interior e o seu encontro definitivo com essa verdade. Os capítulos 15 a 19 tratam especificamente desse assunto, evidenciando todo o comovente esforço de Figner para adquirir a imprescindível iluminação íntima.

Essa obra de Fred Figner visa essencialmente a demonstrar as dificuldades encontradas, na esfera extrafísica, por aqueles que, conheedores da verdade e proclamando-se espíritas, não conseguiram vivenciar totalmente os princípios do Espiritismo. É oportuna advertência, apresentada corajosamente pelo autor, que não se furta a narrar as próprias fraquezas, os enganos cometidos durante a existência terrena na qual, por ser espírita, julgava-se em condições espirituais privilegiadas.

Diante da amarga realidade, Figner termina o capítulo, dizendo:

“A claridade dos outros acentuara-me a obscuridade. Minha inquietação característica centralizara-se. — Por que avançar no conhecimento cerebral, de alma às escuras? Ca-

bia-me mudar de rumo. Na realidade, fora agraciado pela benevolência de muitos amigos que me rodeavam o espírito de atenção e ternura, mas nos recessos de meu ser jaziam os sinais de minha inadaptação ao Reino do Senhor que eu ambicionava servir; antes de estendê-lo aos outros, tornava-se indispensável construí-lo dentro de mim. Embora a beleza inesquecível daquela noite de amor, as graças recebidas confirmavam-me, no fundo, as primeiras impressões de que eu não passava de um mendigo de luz."

Chico menciona ainda o seu anseio de receber um livro novo para as crianças, que pudesse ser publicado sem as ilustrações coloridas e por um preço acessível.

Nesse trecho, Chico tem uma frase que se destaca: "Poder satisfazer, de algum modo, aos instrumentos dos nossos inimigos gratuitos da esfera invisível é uma felicidade."

Uma felicidade que bem poucos podem entender e raros conseguem alcançar.

Agradar não apenas aos amigos e afetos.

Perdoar os que ofendem e caluniam. Suportar, tolerar, entender e por fim amar — este o caminho a ser percorrido. Esse o aprendizado essencial através de caminhos que o amor vai desvendando, descobrindo e inventando.

O amor inventa processos novos de amar, no seu sentido mais sublime e transcendente.

Chico vai inventando meios de agradar aos inimigos gratuitos e se diz em plena felicidade porque consegue atender aos seus reclamos.

A própria felicidade, no âmbito desse amor que transcende ao entendimento comum, assume outros feitios e tem nuances novas que repletam a alma, engrandecendo-a.

Joanna de Ângelis, com seu coração amorável, interpreta em perfeita síntese essa felicidade que Chico Xavier

alcançou: "A maior felicidade no amor pertence a quem ama."

No final da carta, Chico refere-se a um artigo de I. Pequeno, um dos pseudônimos de Wantuil.